


MEMÓRIAS E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO MUSEU CASA HANSEN BAHIA

 <https://doi.org/10.56238/arev6n4-332>

Data de submissão: 20/11/2024

Data de publicação: 20/12/2024

Raquel Cruz Freire Rodrigues

Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana - PPGDCI/UEFS

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0241-6988>

E-mail: raquelrodrigues@uefs.br

Romielle Evangelista

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana - PPGDCI/UEFS

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-3593-6587>

RESUMO

O presente artigo traz um estudo sobre a antiga casa do casal de artistas Ilse e Hansen Bahia, enquanto espaço museológico agregador de memórias tombado pelo poder público. A nossa problemática: Existe uma necessidade de formar na população local um sentimento de pertencimento que venha gerar ações de proteção e preservação? O objetivo é refletir sobre a importância de atividades de educação patrimonial, que aproximem afetivamente e de forma ampliada a população local da casa enquanto patrimônio cultural. A metodologia utilizada partiu da análise do problema por meio de uma abordagem qualitativa de apreensão do conhecimento, articulada com a pesquisa bibliográfica, onde as informações colhidas foram analisadas, selecionadas e, por meio de síntese, reunidas de forma sistematizada na fundamentação teórica do estudo pretendido. A relação entre memória e educação estabelecida no texto aponta para um caminho interdisciplinar na preservação do patrimônio artístico e cultural. Por fim, concluímos a importância das ações educativas desenvolvidas pelo Museu Casa Hansen Bahia em parceria com escolas, destacando a necessidade de ampliar as ações para a população adulta local, visando a socialização de conhecimentos e o acesso mais diversificado de público ao acervo.

Palavras-chave: Patrimônio, Educação, Interdisciplinariedade.

1 INTRODUÇÃO

O Museu Casa Hansen Bahia faz parte do patrimônio histórico e artístico tombado do estado da Bahia e fica localizado na cidade de São Félix do Paraguaçu, região histórica do recôncavo baiano marcada pelas batalhas de expulsão dos portugueses. O que se pretende no presente texto é conduzir uma reflexão, direcionada para a compreensão da importância do citado museu, enquanto espaço de fomento a memória individual e coletiva. Enfatizado ainda, a necessidade de realizar ações educativas com foco na população local, no intuito de aproximá-los do patrimônio de forma que desenvolvam uma relação de pertencimento e cooperem com a sua preservação.

O museu foi no passado a casa sede da Fazenda Santa Bárbara e antes de ser vendida ao casal de artistas Ilse e Hansen Bahia, o imóvel pertenceu a Edvaldo Brandão Correia, um odontólogo e médico nascido na cidade de Cachoeira, no recôncavo da Bahia e que foi vice-governador do estado entre 1975 e 1979. No entanto, a casa só teria de fato seu ápice enquanto importante patrimônio histórico, com significativa relevância regional, após ter sido residência do casal de artistas alemães especialistas em xilogravuras, ambos, reconhecidos internacionalmente por suas participações em exposições e trabalhos em painéis espalhados por diversos países.

O texto divide-se em três seções sistematicamente estruturadas, onde os argumentos desenvolvidos em cada uma delas se complementam na fundamentação da ideia principal. A primeira parte, refere-se “A memória dos Hansen” e discorre sobre a importância histórica e artística do Museu Casa Hansen Bahia, em suas qualidades documentais, ao trazer na essência do acervo e da própria casa, as memórias, valores, costumes e preferências que traduzam o estilo de vida de uma época e do próprio casal de artistas. A segunda parte, aborda “O museu-casa dos Hansen” como patrimônio tombado pelo poder público estadual e reforça a importância de preservá-lo, por sua relevância, para a reflexão e difusão da obra e vida dos Hansen, sendo um instrumento que integra a memória cultural da cidade. A terceira parte, trata-se da “Educação para a preservação cultural” e discute sobre a iniciativa e promoção de atividades educativas mais ampliadas que envolva sensivelmente a população local, de forma a criar vínculos que culminem na preservação do patrimônio que é de todos os cidadãos.

Objetiva-se com o presente texto, promover uma reflexão sobre o Museu Casa Hansen Bahia como instrumento agregador de memórias de forma que fomente o envolvimento da comunidade na preservação e manutenção para as gerações futuras. Busca-se ainda, compreender, como a implicação de ações educativas é capaz de orientar e sensibilizar a população, para o entendimento de que a proteção do patrimônio, implica na preservação de uma parte da história local, além da conservação de um bem cultural que pertence a todos. Pretende-se destacar, o papel significativo desempenhado pelo Museu Casa Hansen Bahia no campo da educativo e socialização de conhecimentos, consolidando

seu espaço de memórias enquanto patrimônio histórico e artístico da Bahia. Foi com esses argumentos que pretendemos contribuir aqui com uma breve discussão, sobre o papel social do Museu Casa em suas interações com as memórias da população local.

2 A MEMÓRIA DOS HANSEN

Quando nos deparamos com objetos que fizeram parte da história de uma comunidade ou núcleo familiar, esses objetos atrelados a memória dos lugares nos transmitem informações sobre o estilo de vida, costumes e práticas sociais da época. Fochi (2017), em seus escritos sobre Memória e história oral, ao discorrer sobre os objetos e lugares de memórias, afirma que, “Para que as memórias e as lembranças sejam sensibilizadas, lugares e objetos desempenham função primordial” (Fochi, 2017, p. 60). O Museu Casa Hansen Bahia, objeto de análise do presente artigo, é um espaço que preserva as características arquitetônicas de uma residência e em seu interior, um conjunto significativo de objetos que pertenceu ao casal de artistas Ilse e Hansen Bahia, que residiram no imóvel.

A antiga casa dos Hansen, o atual museu (Figura 01), não esgota em sua dimensão física, por si só, a sua importância enquanto patrimônio histórico, pois, carrega memórias, valores, costumes e preferências que denotam o estilo de vida do casal. “Podemos, então, olhar o patrimônio como suporte de evocação e de memória” (Araripe, 2004, p. 119), pois, manifestam qualidades documentais ligadas à sua dimensão social e importância histórico-cultural. De acordo com Fochi (2017, p. 60-61), “Os objetos e os lugares edificados desfrutam de reconhecimento irrefutável, unânime e consolidado em meio a uma determinada população”. No caso do Museu Casa Hansen Bahia, tanto o imóvel, quanto o conjunto de artefatos domésticos, profissionais e artísticos que fazem parte do acervo, usufruem deste reconhecimento, por sua importância histórica e cultural para a memória da população local.

Figura 01: Museu Casa Hansen Bahia.



Fonte: Arquivo pessoal, 04/05/2024

O museu, enquanto patrimônio histórico, reúne memórias do passado que são vividas no presente pelo público, através da observação e contemplação do acervo formado por objetos da casa. No entanto, “[...] se todo patrimônio material tem uma dimensão imaterial de significado e valor, por sua vez todo patrimônio imaterial tem uma dimensão material que lhe permite realizar-se” (Menezes, 2009, p. 31). Assim sendo, o museu em sua dimensão material, devido a memória em sua essência ligada a história do casal, traz uma dimensão imaterial. Desta forma, a memória dos Hansen está vinculada ao seu legado material e, a preservação deste, matem viva as suas memórias e vice-versa.

Nas lembranças de todos os que o conheciam ou conheceu e, ainda, contam sobre as figuras que eram socialmente os Hansen, há muitos relatos reunidos em uma biografia do artista escrita pela jornalista Bochicchio (2012). O livro tem como título Hansen Bahia: mestre gravurista, e faz parte da Coleção Gente da Bahia, organizada pela ALBA – Assembleia Legislativa da Bahia em 2012. Porém, o que nos move a argumentar aqui, é, a parte das memórias disponíveis ao entendimento, por meio da introspecção dos objetos constantes no acervo do museu e da própria casa enquanto patrimônio. Estes objetos, enquanto artefatos históricos carregados de informações, fazem parte de um patrimônio que em conjunto ou individualmente, contam uma história, portanto como nos afirma Araripe (2004, p. 121-122),

Precisamos desses patrimônios que são memórias e dessas memórias que são patrimônios para que possamos utilizá-los como fontes informacionais para a pesquisa e adotá-las como uma forma de fortalecer o processo de ensino como um espaço de construção e exercício da cidadania.

A forma como os objetos estão dispostos na organização do espaço doméstico da casa, segue em suas divisões, as conversões culturais para uma residência familiar tradicional, porém, curiosamente nos instiga a pensar que se ainda encontram da mesma forma que os Hansen deixaram ou não. Mesmo que tenham sido movidos por alguma iniciativa da direção do museu, e realocado em outro espaço da casa, a simples presença destes objetos no ambiente diz muito sobre a rotina diária do casal, pois, ainda segundo Araripe (2004, p. 115), “O Patrimônio, pelo seu teor simbólico e sua significação, funciona como chave de entrada para a compreensão de uma época, de uma sociedade, ou de um momento da vida social”. Todos os espaços integrantes da casa com seus mobiliários e artefatos decorativos, dão testemunhos de um período ou momento da vida do casal e nos permitem por relapsos de memórias compreender como viviam. Fochi (2017, p. 61), salienta que, “Os objetos podem fornecer informações em nível direto/objetivo e indireto/subjetivo, podendo também revelar gostos, hábitos e costumes, modos de viver e conviver, nível e tendências tecnológicas e toda a rede de relações sociais que os cercavam”. A antiga TV (Figura 02) em tubo de imagem preto e branco sobe

um pequeno armário do lado direito da cama no quarto dos Hansen é um exemplo de que o artefato era restrito apenas ao lazer do casal.

Figura 02: Móvel, televisão e objetos.



Fonte: Arquivo pessoal, 04/05/2024

O ateliê dos artistas integra o espaço da casa, sendo um dos ambientes que instiga múltiplas memórias em forma de imaginação, ao reunir em seu recinto as ferramentas de entalhe usadas na confecção das matrizes de madeira para a produção das xilogravuras. Imagina-se ali ainda, como se fazia a impressão das estampas xilográficas usando uma prensa que o próprio artista montou, adaptando um cilindro de ferro usado na moagem de café. Para Araripe (2004, p. 114), “[...] o patrimônio, também, é presente, é memória do tempo presente.” Ou seja, o patrimônio também se faz por meio das lembranças dos visitantes que os leva na memória. Portanto, colocar o Museu Casa na rota turística, permite aos visitantes conhecerem de perto a importância histórica e as obras desse casal que deixou para o recôncavo baiano um legado artístico em xilogravuras.

3 O MUSEU CASA DOS HANSEN

A antiga residência dos Hansen foi tombada em 2002 pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – IPAC-BA, devido a sua importância cultural enquanto patrimônio histórico da Bahia. A resolução de tombamento é de número 8.357/02 de 05 de novembro de 2002 e o registro foi realizado no Livro do Tombo dos Bens Imóveis com o número de inscrição 51, identificando o imóvel com o nome de Antiga Casa dos Hansen na Fazenda Santa Bárbara. De acordo com Vieira (2017, p. 154),

Esse espaço, organizado na esfera pública, funda um lugar de memória em sua dimensão simbólica, respeitando características de um museu-casa que através de sua filosofia curatorial propicia a reconstrução dos locais de vivência de seus antigos moradores. Como espaço museológico visa, através de práticas culturais, difundir a obra e a vida do homenageado.

No caso do presente estudo, o local de vivência do casal de artistas Ilse e Hansen Bahia, evidencia a sua forma particular de vida e também a produção xilográfica, tanto pela presença no museu do espaço do ateliê com as ferramentas e equipamentos preservados, ou pelas várias obras xilográficas expostas nas paredes da casa. Segundo Fochi (2017, p. 95), “As casas são testemunhos edificadas do grupo familiar, de sua dimensão mais íntima, dos ritmos diários e dos rituais, das rupturas e descontinuidades e da sucessão de gerações”, e, no caso da antiga casa dos Hansen, não poderia ser diferente. O casal deixou como legado mais do que a sua produção xilográfica, ou simplesmente a casa, com seus espaços, mobiliários e acessórios domésticos, deixaram sua história e as marcas em forma de memórias de suas irrestritas presenças no imóvel.

A preservação dos espaços interno da casa mantendo a constituição original como ambiente domiciliar, permite a conexão por meio da memória com o passado dos Hansen, “Portanto, são essas interações da memória que, quando manifestadas através de um museu, possibilitam a caracterização desse espaço como ‘lugar de memória’ e, conseqüentemente, habilitam o historiador a questioná-lo” (Vieira, 2017, p. 149, grifo do autor). O museu se apresenta então como um espaço fértil a reflexão, investigações e a pesquisa, capaz de trazer a luz conhecimentos e novas informações a respeito de um fenômeno histórico-artístico-cultural. Nas palavras de Lima, Queiroz, Souza, (2015, não paginado), “No entanto, além de contar a história do passado por meio dos seus fragmentos, os mesmo via materialidade cultural narram histórias, reconstroem o passado de diversas formas”. O Museu Casa Hansen Bahia se constitui neste viés como um arquivo, formado pelo vasto acervo constituído por utensílios domésticos, mobílias, objetos decorativos e pessoais do casal.

O tombamento foi um passo crucial para o reconhecimento e salvaguarda da antiga casa dos Hansen, porém, a instituição do museu garantiu-lhe uma função social permanente, enquanto espaço que guarda e preserva em sua dimensão material e imaterial, uma parte da história local da cidade de São Félix, no Recôncavo da Bahia. “Se não dermos uma utilidade social ao que julgamos ou se apresenta como patrimônio, ele com certeza morre ou, no mínimo, passa despercebido” (Araripe, 2004, p. 114), transformando-se apenas em mais um prédio em ruínas, cujo os utensílios e mobílias acabam perdidos ou destruídos, ou na melhor das hipóteses, integrando coleções particulares. “Deve-se enfatizar que são sempre testemunhos únicos, não repetíveis, que tem que ser analisados com a máxima diligência, fundamentando-se as propostas em rigorosos critérios” (Kühl, 2006, p. 21), neste caso, de preservação, para que as gerações posteriores tenham a oportunidade de conhecer e usufruir dos bens artísticos e culturais produzidos pela humanidade. Nesse intuito, o processo de salvaguarda é apenas o primeiro passo, pois, as ações de preservação devem incluir iniciativas integradoras entre o patrimônio e a comunidade local, sensibilizando-a por meio de uma educação voltada para preservação

cultural.

4 EDUCAÇÃO PARA A PRESERVAÇÃO CULTURAL

Aproximar ou reaproximar a população local do patrimônio artístico-cultural, fazendo-os conhecer e compreender a importância de sua preservação deve ser um dos objetivos primordiais das ações voltadas para a educação patrimonial. Tais ações, segundo Araripe (2004, p. 122), “Implica, portanto, em encontrar um papel social e educacional para o patrimônio que venha a contribuir para que tenhamos cidadãos mais conscientes dos seus valores e, dessa forma, preservadores e construtores do seu espaço de vivência cotidiana”, isto porque, na maior parte dos casos, o patrimônio faz parte da realidade cotidiana da população local, está inserido no seu dia a dia, como é o caso dos comerciantes locais que veem o público visitantes como possíveis clientes.

Scifoni (2019), em seu artigo “Conhecer para preservar: Uma ideia fora do tempo”, levanta uma discussão muito pertinente dentro das perspectivas atuais relativo à educação para a preservação. Não poderia deixar de citar aqui suas reflexões em torno deste tema, uma vez que no referido texto a autora questiona o papel da educação patrimonial, enfatizando que esta deve voltar-se para a socialização do bem tombado, voltando-o para o público local e criando neste uma consciência de pertencimento. Parafraseando a autora, preservar inclui um processo de promoção de conhecimento, através do qual a população local apropriasse afetivamente e desenvolve um apego pelo bem tombado.

Apontar que a educação patrimonial se justifica, não pelo seu pretenso caráter redentor dos problemas do patrimônio, mas como direito social e como necessidade, significa afirmar que ela está em primeiro lugar e não como anexo e complemento do processo de patrimonialização. (Scifoni, 2019, p. 30)

O Museu Casa Hansen Bahia vem desenvolvendo a alguns anos ações no sentido de aproximar-se da população local, por meio de parcerias firmadas com escolas públicas e privadas, promovendo exposições temáticas, visitas guiadas e oficinas de xilogravuras e técnicas mistas de gravura usando materiais alternativos na confecção das matrizes. As ações e projetos tem como dinâmica tirar o museu de sua forma estática e passiva, criando uma relação mais próxima com o público, articulando conhecimentos do passado com experiências ativas ou imersivas no presente, a “Educação como lugar de construção de um novo conhecimento a partir do diálogo e, portanto, de uma relação horizontal que valoriza os saberes populares e o outro.” (Scifoni, 2019, p. 29). O Museu Casa está sempre aberto à visitação para o público em geral, porém, talvez deva-se pensar em ações educativas voltadas para um nicho de visitantes pouco presente, a população adulta local. Cabe, então, elaborar sistematicamente atividades que os leve a envolver-se sensivelmente com o bem artístico-cultural, neste caso, inseridos

dentro de sua realidade cotidiana. Segundo Comerlato (2021, não paginado), “O patrimônio cultural é um suporte interpretativo para o surgimento das interpretações artísticas, possibilitadas pelo diálogo visual entre os bens culturais e os indivíduos”, este talvez seja o caminho para a sensibilização que venha a desencadear um sentimento de pertencimento.

O fato é que, com as atividades educativas apropriadas, seja na parceria já existente com as escolas ou nas possibilidades de novas proposições artísticas e culturais voltadas para os adultos, o Museu Casa Hansen Bahia possa fortalecer seu vínculo social com a população local e valorização de um patrimônio que é em essência de todos, como nos relata Scifoni (2019, p. 20), “A ideia de herança coletiva trazia a concepção do interesse coletivo, de que a destruição destes bens significaria a perda, para todos, de relíquias da história do país”. Conforme já salientado, tomar não é o suficiente, a preservação e manutenção dos bens patrimoniais para as gerações futuras depende de ações diversas, inclusive iniciativas políticas e educativas que os aproximem da sociedade. Nas palavras de Lima, Queiroz, Souza (2015, não paginado),

Percebemos o quanto é importante os estudos realizados em torno da temática museológica, pois, podemos conscientizar a população que essas instituições são espaços guardiãs da nossa memória local e, por isso, esses recintos devem ser evidenciados pelos meios de comunicação e os espaços escolares.

O objetivo essencial a ser alcançado pela educação patrimonial é, portanto, o de intermediação entre a instituição museológica, ou o patrimônio em si, e a comunidade local, visando conscientizá-la da importância de se preservar esses espaços agregadores de memórias oriundas da experiência coletiva. Nas palavras de Fochi (2017, p 133), “Pesquisar, registrar, transmitir e preservar conteúdos de memória e patrimônio é documentar a sociedade da qual somos os herdeiros e sucessores mais diretos”. Destaque-se na referida citação, a importância do patrimônio, enquanto fontes ativadoras de memórias e na construção do conhecimento por meio de pesquisas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação para a preservação cultural deve avançar para além das pontualidades convencionais e corriqueiras ações educativas aplicadas de forma a cumprir apenas um calendário institucional. Deve se estender do tombamento, passando por todos os momentos de existência do patrimônio em vista a alcançar sua plena efetivação com foco em seus principais agentes de perpetuação, a população local e entre estes, os gestores de órgãos públicos responsáveis pelo patrimônio na esfera municipal. Pois, só assim, pode-se pensar em garantir as gerações futuras o direito social de usufruir dos bens artísticos e culturais produzidos pela humanidade ao longo dos anos.

Qual seja as ações pretendidas, o melhor caminho deverá ser por meio de uma abordagem que

reinterprete e atribua um novo sentido ao patrimônio, suscitando um novo olhar por parte da comunidade local, capaz de apurar um pensamento crítico e ao mesmo tempo sensível e afetivo sobre o bem tombado. Os ensinamentos a respeito do patrimônio, devem, por sua vez, demonstrar a população local que as ações de proteção destes bens, além de serem importante, reflete uma postura civilizada por parte dos envolvidos na preservação de sua história. E, mais ainda, é um bem que por vias de regras pertence a todos e acena para um comprometimento mais coletivo.

Por fim, o trajeto do discurso desenvolvido aqui se inteirou em dar conta da relevância simbólica do Museu Casa Hansen Bahia para a população local, numa perspectiva social e cultural, sedimentando seu espaço de memória enquanto patrimônio artístico cultural da Bahia. Em relação a educação patrimonial, destaca-se sua missão socio educativa em parcerias firmadas com as escolas públicas e privadas da região, além das possibilidades de ampliar seu campo de visão e ação também para a população adulta local.

REFERÊNCIAS

ARARIPE, Fátima M. A. Do patrimônio Cultural e seus significados. Revista Transinformação. Campinas, v. 16, n. 4, P. 111-122, mai./ago. 2004. Disponível em <[scielo.br/j/tinf/a/ 9kRv9WpprV9j5jM5NMNPBSL/?format=pdf&lang=pt](https://scielo.br/j/tinf/a/9kRv9WpprV9j5jM5NMNPBSL/?format=pdf&lang=pt)> Acesso em 01 maio 2024.

BOCHICCHIO, Regina. Hansen Bahia: mestre gravurista. Salvador: Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2012.

COMERLATO, Fabiana. O desenho e o patrimônio cultural: Uma experiência de educação patrimonial no Recôncavo da Bahia. CONGRESSO INTERNACIONAL E INTERDISCIPLINAR EM PATRIMÔNIO CULTURAL: EXPERIÊNCIAS DE GESTÃO E EDUCAÇÃO EM PATRIMÔNIO, III, 2021, Anais. Porto: Editora Cravo, não paginado. Disponível em: <[1624042032_ARQUIVO_c7fbb935d9bb1 eb6b615f02e5729ada0.pdf](https://arquivo.c7fbb935d9bb1eb6b615f02e5729ada0.pdf) (anpuh.org)> Acesso em: 01 maio 2024.

FOCHI, Graciela Márcia. Memória e história oral. Indaial: EDIÇÕES UNIASSELVI, 2017.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Restauração hoje: método, projeto e criatividade. Revista Designio, São Paulo, n.6, p. 19-34, set. 2006.

LIMA, José; QUEIROZ, Maria; SOUZA, Maria. Os museus enquanto espaços de memória: a importância da educação patrimonial no ensino de história local. ENCONTRO DE INICIAÇÃO A DOCÊNCIA DA UEPB, V, 2015, Anais. Campina Grande: Editora Realize, não paginado. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enid/2015/TRABALHO_EV043_MD1_SA6_ID673_31072015180955.pdf> Acesso em: 01 maio de 2024.

MENESES, Ulpiano T. B. O campo do Patrimônio, uma revisão de premissas. FÓRUM NACIONAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL: SISTEMA NACIONAL DE PATRIMÔNIO CULTURAL, DESAFIOS, ESTRATÉGIAS E EXPERIÊNCIAS PARA UMA NOVA GESTÃO. I, 2009, Anais. Ouro Preto/MG, Vol II, P. 25-39. Disponível em: <[Anais2_vol1_ForumPatrimonio_m.pdf](#) (iphan.gov.br)> Acesso em: 01 maio 2024.

SCIFONI, Simone. Conhecer para preservar: uma ideia fora do tempo. Revista CPC, São Paulo, v. 14, n. 27, edição espacial, p. 14-31, jan-jul. 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cpc/article/download/157388/155798/367220>> Acesso em: 01 maio 2024.

VIEIRA, Guilherme Lopes. O museu como lugar de memórias: o conceito em uma perspectiva histórica. Revista Mosaico. v. 8 n. 12, Rio de Janeiro, p. 139-162, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/65900/66865>> Acesso em: 01 maio 2024.